

# A RELAÇÃO ENTRE O CONCEITO HEIDEGGERIANO DE PRODUÇÃO E A TEMPORALIDADE DO DASEIN ATRAVÉS DA TÉCNICA

THE RELATION BETWEEN THE HEIDEGGERIAN CONCEPT OF PRODUCTION AND THE DASEIN'S TEMPORALITY THROUGH THE TECHNIC

*José Fábio da Silva Albuquerque \**

*Data de recepção do artigo: set./2011*

*Data de aprovação e versão final: nov./2011*

---

**Resumo:** *Este artigo consiste em uma abordagem sobre a relação existente entre dois temas relevantes na filosofia heideggeriana: a técnica e a analítica existencial do Dasein. O tema da técnica é focado no conceito de produção, apresentado como o ponto de ligação entre os dois momentos históricos da técnica: a τέχνη tematizada pelos gregos e a técnica moderna. O tema da analítica existencial do Dasein, por sua vez, está direcionado para a temporalidade enquanto fundamento ontológico de sua existencialidade. Os dois temas são abordados a partir da questão das implicações que a estrutura do processo de produção da técnica moderna causa sobre a temporalidade do Dasein, influenciando nas formas de manifestação de seus horizontes ekstáticos.*

**Palavras-chaves:** *Produção. Dasein. Te/xnh. Técnica Moderna. Temporalidade.*

**Abstract:** *This article consists of an approach about the existent relationship among two important themes in the heideggerian philosophy: the technique and the existential analytic of Dasein. The theme of the technique is focused in the concept of production, presented as the connection point among the two moments of the history of the technique: the te/xnh thematized for the Greeks and the modern technique. The theme of the existential analytic of Dasein, for your time, it is addressed for the temporality while ontological base of your existentiality. The two themes are approached starting from the subject concerning the implications that the structure of the*

*\* Graduado em Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco. Doutorando do Programa Integrado de Doutorado em Filosofia das UFPE, UFPB e UFRN, vinculado à Universidade Federal da Paraíba. Participante do Grupo de Pesquisa Hermes. m@il: jfabinhoa@gmail.com*

*Problemata: R. Intern. Fil. Vol. 02. No. 02. (2011), pp. 291-316*

*ISSN 1516-9219.*

*process of production of the modern technique cause on the temporality of Dasein, influencing in the forms of manifestation of your ecstatic horizons.*

**Keywords:** *Production. Dasein. Te/tnh. Modern Technique. Temporality.*

### *1 - A te/tnh como procedência da técnica moderna*

Desde o momento em que surgiu, a investigação propriamente filosófica caracterizou-se por um procedimento bastante particular: a busca pela origem [a]rxh/] ou princípio do objeto investigado, o que corresponde à tentativa de apreender os seus fundamentos últimos. Para esse objetivo, é fundamental e necessário que seja identificado algum ponto de intersecção entre a pretensa origem e o atual objeto em questão, fazendo com que a relação entre ambos seja revelada a partir da permanência de uma característica específica. Diante disso, e tomando como parâmetro que o nosso horizonte inicial é a visão heideggeriana sobre a técnica moderna, devemos então estabelecer qual a característica que permite ligá-la (técnica moderna) a sua origem para, a partir de então, chegar ao nosso objetivo principal: epor algo acerca da relação que se forma entre ela e a temporalidade do Dasein.

Tendo em vista esse objetivo, impõe-se a seguinte questão: há algum critério para estabelecer a existência de uma característica que demonstre a ligação entre esses momentos, quer dizer, entre a origem e a atualidade de um objeto? Por representar o que permanece nele desde sua origem, esta característica deve ser sua manifestação mais concreta, isto é, aquilo que melhor expressa a natureza do fenômeno. Esse deve ser o critério adotado. No entanto, é necessário precaver-se do equívoco de interpretar a “manifestação mais concreta” por uma manifestação “evidente”. O que é mais concreto nem sempre é o mais evidente, muito pelo contrário, aquilo que melhor expressa a natureza de um fenômeno na maioria das vezes se esconde através daquilo que primeiro nos vem à vista. Portanto, deve-se ter sempre em mente essa precaução metodológica, a fim de não se cair vítima de desvios.

No caso da técnica especificamente, qual o aspecto que melhor a caracteriza? Para responder a isso, tomemos como ponto inicial a seguinte frase de Heidegger: “Ao que a Técnica é pertence a produção e a utilização de ferramentas, dispositivos e máquinas, pertence este produzir e utilizar mesmo [...]”<sup>1</sup>. Essa concepção habitual, que é sem dúvidas uma concepção correta, guarda em si uma compreensão mediana do que Heidegger irá considerar o

essencial. Tendo isso em vista, podemos partir dela para empreender a pesquisa sobre a característica mais concreta da técnica, visto que “para a alcançarmos [a essência da técnica] ou ao menos estarmos em sua vizinhança, nós devemos buscar o verdadeiro através do correto.”<sup>2</sup>.

A concepção habitual da técnica, na qual há uma referência à produção e ao uso de ferramentas, já nos fornece algo sobre o qual se pode trilhar um caminho; este último segue, de forma geral, o seguinte percurso: o uso só é possível já pressupondo a produção. Ou seja, é condição interna de possibilidade para o uso da ferramenta a sua prévia produção. Mesmo no que diz respeito aos objetos que já se encontram “prontos” na natureza para o seu uso há, no mínimo, a necessidade de serem concebidos [produzidos] enquanto ferramentas, a fim de sejam usados. Assim, apreendemos que, mesmo na concepção habitual de técnica, o ato da produção possui alguma primazia em relação ao puro uso. Isso, por sua vez, nos indica que deve ser a partir de uma investigação mais radical sobre o evento da produção que o verdadeiro poderá ser alcançado, quer dizer, que poderá ser alcançado aquilo que melhor expressa a natureza da técnica.

Etimologicamente, o termo “produzir” advém do verbo latino *producere*, que significa conduzir para fora, trazer à luz<sup>3</sup> - Heidegger toma seu significado como um trazer-aí-adiante. Não obstante, a troca de um termo por outro não resolve a questão, pelo contrário, pode até mesmo ser mais um mecanismo de desvio enquanto não se encara o fenômeno mesmo. Assim, deixando em segundo plano o caráter etimológico da palavra e visando um esclarecimento sobre o fundamento ontológico do evento que ela representa, Heidegger afirma<sup>4</sup> que a tematização da essência do produzir se encontra na língua grega. Por conseguinte, será através da imersão nessa cultura – como é visto recorrentemente através de vários textos seus em relação a outros vocábulos – que ele buscará o sentido original do evento da produção: “Tudo depende de que pensemos a produção em todo seu alcance e, ao mesmo tempo, no sentido dos gregos.”<sup>5</sup> A pretensão aqui é fazer uma interpretação mais radical do conceito, ultrapassando o meramente fenomênico e alcançando sua interpretação fenomenológica.

“O pro-duzir eleva do ocultamento para o desocultamento. O pro-duzir apenas ocorre na medida em que o oculto torna-se desoculto. Esse tornar-se se baseia e se move no processo que chamamos o desocultamento.”<sup>6</sup> Nesta passagem Heidegger resume a natureza da produção. Ela é um desencobrimento, um trazer-aí-adiante. Podemos averiguar como Heidegger parte da descrição da atividade e, só posteriormente, da condição de possibilidade da produção. Isso – partir do fenomênico para alcançar o horizonte fenomenológico, o qual abre as raízes ontológicas do fenômeno – é típico

do método fenomenológico heideggeriano para alcançar a essência de seus objetos<sup>7</sup>. Não obstante, como foi aqui estabelecida a predominância da leitura ontológica para a exposição da questão, mostra-se oportuno fazer primeiramente a análise da penúltima frase, para a partir de então reconstruir o significado do texto. “Esse tornar-se se baseia e se move no processo que chamamos o desocultamento”. O “tornar-se” aqui expresso representa a primeira parte de toda a citação, ou seja, representa já a própria atividade da produção, a qual “se baseia e se move”. Contudo, se esta atividade se baseia e se move, é necessário que seja em e a partir de algo para algo outro. Tais momentos são apreendidos, por sua vez, como a condução do encoberto para o desencobrimento, movimento esse que nos remete para o esclarecimento da própria natureza da produção.

O fazer que se encontra no significado radical de produção conduz o produzido ao desencobrimento. Esse termo manifestará o próprio acontecer da produção: “O que tem a ver a essência da técnica com o desencobrimento? Resposta: Tudo. Pois no desencobrimento funda-se toda produção.”<sup>8</sup>. O pensamento de Heidegger é aqui de um movimento bastante claro. Tal movimento se dá da seguinte maneira: qual o evento que fundamenta essa união entre a essência da técnica e o desencobrimento? Qual o fenômeno que uni essencialmente esses conceitos? A resposta para ambas as perguntas é a mesma: a produção. Ela é a chave de leitura para o esclarecimento da essência da técnica. Não pode haver técnica sem produção. Logo, ela (a produção) se mostra como sendo a característica através da qual se dá o elo de ligação entre a técnica moderna e sua origem, já que “é no desencobrimento que se funda toda<sup>9</sup> produção”. A essência da técnica tem tudo haver com o desencobrimento porque neste se funda toda produção. Ou seja, a produção é o evento que concretiza aquilo que há de mais essencial na técnica: o desencobrimento.

Esse desencobrimento que nos fala Heidegger, no entanto, não é algo original, no sentido de que sua compreensão ontológica se dê na primeira instância. O desencobrimento é algo derivado, ele advém da negação de algo mais fundamental, visto que ele é um des-encobrimento. Isso quer dizer que ele é uma possibilidade derivada do encobrimento<sup>10</sup>. Desta forma, como ele é a negação do encobrimento, e como Heidegger busca na cultura grega a fonte de esclarecimento da essência da técnica moderna, será na sua equivalência com uma palavra especificamente grega que Heidegger encontrará a fonte para a apreensão ontológica do des-encobrimento. “Para isso [desencobrimento], os gregos possuíam a palavra a)lh/queia”<sup>11</sup>. Na visão de Heidegger, o desvelamento

[a)lh/queia] que ocorre no fazer do ato produtivo situa a técnica dentro de um dos conceitos mais importante (senão o mais importante) do pensamento ocidental: o evento da técnica está intrinsecamente ligado à verdade: “A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é um modo de descobrimento. Ao levarmos isso em consideração, então abre-se a nós um âmbito completamente diferente para a essência da técnica. Ela é o âmbito do descobrimento, isto é, o âmbito da verdade.”<sup>12</sup>.

Não obstante, qual o lugar de procedência da técnica moderna? Se o fundamento de toda produção (enquanto o mais concreto e que melhor expressa a essência da técnica) é o descobrimento, e este último encontra-se explicitamente tematizado através da a)lh/queia grega, será nessa mesma fonte que Heidegger buscará a origem ontológica da técnica moderna. Ele especificará esta origem na atividade que os gregos denominaram *te/xnh*: “É que ela [a técnica] não remonta apenas com seu nome à *te/xnh* dos gregos, mas ela origina-se histórico-essencialmente da *te/xnh* como um modo de a)lhqueu/ein, que chama-se o fazer aparecer do ente.”<sup>13</sup>.

Diante disso vemos que, ao percorrermos essa relação fundamental que se dá entre des-encobrimento enquanto a)lh/queia e produção, já nos é permitido definir a relação entre a técnica moderna e a *te/xnh*, pois: se o des-encobrimento é o fundamento de toda produção, e a produção, como vimos, é a manifestação que melhor expressa a natureza da técnica, então podemos afirmar que, como o ato de produzir é inerente a qualquer tipo de técnica, a a)lh/queia é o que expressa a essência tanto da técnica moderna como da *te/xnh* grega:

Este pro-por produtivo (por exemplo, erigir uma estátua no interior de um templo) e o dis-por provocante, na acepção aqui pensada, são, certamente, fundamentalmente distintos e, no entanto, possuem um parentesco na essência. Ambos são modos de descobrimento, modos de a)lh/queia.<sup>14</sup>

Heidegger consegue instaurar um aspecto ontológico que remete a técnica moderna à *te/xnh* grega, nominalmente, o evento da a)lh/queia enquanto um produzir que descobre e traz algo aí-adiante. Diante disso, e levando em consideração os pontos até aqui alcançados, faz-se necessário agora a apresentação, em termos gerais, das características da produção em cada um dos dois momentos histórico-essenciais da técnica, a saber, o da produção da *te/xnh* e o da produção da técnica moderna. A partir do momento em que essa etapa da investigação for alcançada, nos será então possível caminhar concretamente para

o nosso objetivo principal, que é o de expor a relação que o conceito heideggeriano de produção tem com a temporalidade do Dasein.

## *2- Os dois momentos da manifestação da produção*

### *2.1- A produção enquanto poiesis*

Para Heidegger, a produção na *te/xnh* grega é um fenômeno merecedor de muita atenção, pois é nele que se vislumbra o sentido original almejado. Tendo isso em vista, é no diálogo com Platão e Aristóteles que Heidegger encontrará o material necessário para sua apropriação fenomenológica do conceito. Ele se vale de uma passagem em *O Banquete* de Platão para identificar o processo da produção na *te/xnh* grega; nela, a produção é tomada como *poi/hsij*<sup>16</sup> (*poiesis*), e está essencialmente vinculada à noção de *a)lh/qeia*, ou seja, um processo no qual algo passa do não-ser para o ser. Não obstante, o que nos interessa nessa questão é perguntar sobre o modo como se dá esse processo na *poi/hsij* grega.

Como qualquer ato de produção, a *poi/hsij* grega é tomada enquanto uma violência em relação ao ente produzido. Isto acontece por que ela retira do oculto algo que se caracteriza por não eclodir a partir de si mesmo (*e)n e(aut°=)*, ou seja, não se acha simplesmente *aí-adiante* por si (como o desabrochar da flor), mas necessita da intervenção de um outro (*e)n a)ll°*), nesse caso um agente que traz o produzido para o desvelamento. Este, por sua vez, se caracteriza como a realização da unidade dos quatro modos do dar-origem-a [*die Weisen der Veranlassung*], ou seja, das quatro causas<sup>17</sup>. Nesse quesito é notório o diálogo – e a apropriação fenomenológica – que Heidegger mantém com a filosofia aristotélica.

O agente, que realiza a produção, carrega consigo um *antecipar* e *reter* que cria a condição de possibilidade para unir a causa material, a causa formal e a causa final e, assim, ocasionar o fenômeno do descobrimento – como o artesão que reúne a prata, a forma e o objetivo do culto na produção da taça sacrificial. Esse agente, por sua vez, necessita possuir um horizonte *tempóreo* em sua constituição, pois só inserido no âmbito do tempo um ente pode *antecipar* e *reter* o que se *antecipa*. Tal vinculação nos leva ao fato de que o ato da produção está essencialmente atrelado à natureza do ente que possui em seu modo-de-ser a abertura [*Erschlossenheit*] para o sentido do ser *temporeamente* compreendido, nomeadamente, o Dasein. A produção, portanto, se encontra e se move no fenômeno do descobrimento, que é o emergir proveniente da unidade das quatro causas efetuada, por sua vez, pelo agente (Dasein) que traz algo a partir de

um antecipar-se que espera e retém, e que se expressa pelo termo *poi/h/qeia*. No entanto, ao mesmo tempo que a *poi/hsij* grega comete esta violência para com o produzido, ela caracteriza-se igualmente pelo que Heidegger<sup>18</sup> designa de “*cuidar*” [*hegen*]:

A experiência grega da *techné* consistia numa revelação daquilo que permanece como potencial, da mesma forma que se entende que a escultura poderá estar escondida na pedra por esculpir. Como consequência, *techné* era uma forma de ‘cuidar’ um modo de incutir os contornos, formas e funções potenciais dos seres. Heidegger acredita que esta indução evidencia ‘uma abertura resoluta para os seres’ na procura de ‘fundamentar os seres nos seus próprios termos’.<sup>19</sup>

A revelação que acontece na *te/xnh* (a sua produção) se relaciona àquilo que está em potencial nos entes intramundanos. A *te/xnh* é “um modo de incutir os contornos, formas e funções potenciais dos seres” e busca “fundamentar os seres nos seus próprios termos<sup>20</sup>”. A expressão “próprios termos” deve ser tomada como a constituição da própria natureza do ente, o que demonstra que estas formas, contornos e funções incutidos pela *poi/hsij* estariam restringidos a uma significância específica e estática dos entes intramundanos. Isso quer dizer que, na *poi/hsij*, o significado que um específico ente possui na mundaneidade do agente apresenta-se já predeterminado pelos seus próprios termos disponibilizados. Assim, os próprios termos da pedra seriam, por exemplo, sua solidez, sua densidade e peso específico, sua estrutura material, etc., o que, por necessidade, restringe e direciona a atuação da *te/xnh* para somente incutir no referido objeto a potencialidade que sua natureza “consente”. Este modo de agir “obediente” à constituição dos entes Heidegger designou como *cuidado*<sup>21</sup>, o qual não pode ser tomado como uma atividade que venha da esfera moral, mas sim algo que reflete a permanência de uma ordenação natural, intrínseca e imutável do mundo, à qual a *te/xnh* apenas “aperfeiçoava” para a práxis. “A *poiesis* técnica pertence, portanto, à *physis*; se deve a ela e se cumpri nela, respeitando-a em seu mesmo fazer-lhe violência, como um modo de trazê-la (*her-vor-brin-gen*) a sua cabal manifestação”<sup>22</sup>.

Mantendo esses aspectos já alcançados em consideração, deve ser esclarecido agora outro ponto de fundamental importância em nossa questão:

quais as características do ente que aparece no desencobrimento da *poi/hsij* grega? Quando algo é descoberto ele é trazido à luz, ele é trazido-aí-adiante. A expressão *aí-adiante* revela a natureza do algo que vem como resultado da produção. O termo *aí* revela o sentido da presença do objeto produzido, ou seja, algo só pode estar *aí* se estiver *presentado*: “Onde se joga, porém, o conjunto dos quatro modos do *dar-origem-a*? Eles deixam chegar o ainda não presente à presença. Por conseguinte, eles são uniformemente permeados por um trazer que traz o presente ao primeiro plano.”<sup>23</sup>. Isso quer dizer que, por trazer algo à presença, a produção faz com que, aparecendo, o objeto se encontre no presente<sup>24</sup>, este significando tanto o que está à vista como o constante permanecer. Assim, pode-se asseverar que a partir da natureza do desencobrimento, que é um trazer algo à presença, o significado fundamental desse algo, ou seja, sua essência, é um estar à vista através de sua atualidade, através do seu estar no tempo presente.

Desta forma, levando em consideração que o objeto produzido deve sua essência ao estar no tempo presente, pode-se, nesse sentido, averiguar como esta relação entre essência e presente se manifesta para todo ente intramundano na cultura grega, visto que a filosofia considerou a *ou*)*si/a* como algo permanente no ente a partir de uma *presenteidade*:

Na língua corrente ele [o termo *ousia*] significa a residência e a propriedade, isto é, o que está constantemente disponível, constantemente presente. Foi esse significado fundamental que tornou possível o uso técnico do termo como designação para o ser do ente na língua filosófica. A significação *Temporal*<sup>25</sup> da *ousia* [...] é então a de uma ‘presença constante’. É a partir deste sentido oculto que se consegue compreender porque é que *ousia* serve para formar os termos *parousia* (presença) e *apousia* (ausência). [...] O sentido ontológico-*Temporal* de *ousia* é então ‘presença’ (*Anwesenheit*), o que significa que o ser do ente é compreendido em relação com um modo determinado do tempo, o presente (*Gegenwart*)<sup>26</sup>.

E para finalizar esse esclarecimento sobre o modo e o sentido do processo de produção que já se apresenta na *poi/hsij*, vem à tona o significado do termo *adiante* na significação radical de produção. Ele é um termo relacional, ou seja, remete a que o objeto se apresente diante de “algo” que possa estar aberto a ele como um ser de presença. Esse “algo” é o agente que, como vimos, dá a condição de possibilidade para o desencobrimento através da unidade dos modos do *dar-origem-a*. Não obstante, esta relação do objeto diante do agente que o produziu só



é possível através de um existencial que se manifesta neste último: sua mundaneidade, sua abertura de sentido em uma rede de significâncias.

Assim, a partir do que já foi exposto, podemos considerar o que compõe em termos gerais a natureza do ser do ente produzido: ele se caracteriza a partir de sua presença, ou seja, a partir do estar no tempo presente e mostrando-se diante do agente que o produz, visto que este último está aberto às redes de significâncias constitutivas da mundaneidade.

### *2.1.1- A τέχνη e os modos-de-ser dos entes.*

Um dos fatores constitutivos que criam a condição de possibilidade para o surgimento da *te/xnh* é a atuação do homem em relação à natureza, ou seja, o homem, partindo do acontecimento da presença dos entes da *fu/sij* manipula-os, buscando dar-lhes as formas e funções almejadas para uma determinada práxis. Ademais, apesar de terem sido os gregos que tematizaram esta atividade a partir da reflexão filosófica, há de se constatar que qualquer civilização existente, em qualquer momento histórico, possui estas prerrogativas. Isto acontece porque o homem, tomado a partir de seu modo-de-ser radical, possui originariamente com os entes intramundanos uma relação prático/compreensiva de ocupação<sup>27</sup>. Nesta ocupação, esses entes apresentam-se como úteis dentro das redes de significâncias do *Dasein*, onde cada um destes possui um para-algo [Um-zu] referenciado com outros úteis, o que constitui uma totalidade conjuntural [Bewandnissanzheit] na mundaneidade do *Dasein*.

Logo, se a mundaneidade é um momento constitutivo (um Existencial) do *Dasein*, e os entes que se apresentam como úteis formam o seu conteúdo originário, então a própria relação do homem com os úteis é uma relação fundamental do seu modo-de-ser: “Nós sabemos que o lidar com os entes disponíveis, isto é, com os objetos que nos rodeiam em sua instrumentalidade, sabemos que esta relação é um elemento constitutivo do nosso modo de ser-no-mundo.”<sup>28</sup>. O homem, nesse lidar com os entes intramundanos, manipula-os, revelando neles novas formas e funções. O verbo manipular, por sua vez, tem sua raiz no termo *manus*, que significa mão; assim, para que o homem possa dar as formas e funções almejadas aos entes, estes têm que se encontrarem à mão. Em última instância, essa característica – a de estarem à mão – não possui referência essencialmente espacial, mas dizem respeito a um modo-de-ser específico dos entes de ocupação. “O modo de ser do útil em que este se manifesta desde ele mesmo, o chamamos o estar-à-mão [Zuhandenheit]. Só porque o útil tem este

‘ser-em-si’ e não se limita a encontrar-se aí adiante, é disponível e ‘maneável’ no mais amplo sentido.”<sup>29</sup>.

O *Zuhandenheit* é o elo de ligação e o pressuposto na relação entre os entes que se apresentam em seu modo-de-ser específico de úteis e o homem, que atua como agente em sua abertura compreensiva do mundo circumspecto. Essa recíproca complementaridade, que diz respeito ao modo essencial e originário com que todo homem se relaciona com a natureza, é o que possibilita e traz como resultado intrínseco a produção da *te/xnh*: “[...] nesta própria experiência, que é a experiência pré-filosofia da disponibilidade do mundo, a natureza apresenta-se-nos como aquilo sobre o qual podemos trabalhar a fim de produzir objetos. Aí encontra-se a origem da técnica [...]”<sup>30</sup>.

O peculiar do imediatamente à mão é retirar-se em seu estar à-mão, por assim dizer, para estar propriamente à mão. Aquilo em que o trato cotidiano primeiramente se detém não são tampouco os utensílios mesmos, mas o que primariamente nos ocupa e está por fim à-mão é a obra que em cada caso se produz. A obra leva [consigo] a totalidade referencial, dentro da qual o útil vem ao encontro.<sup>31</sup>

Isso mostra que, originariamente, no trato cotidiano se anuncia uma manifestação intrínseca do ocupar-se: a relação de produção. Não é à toa que Heidegger colocou o produzir [*Herstellen*] e o manejar [*Hantieren*] como contrapontos ao possível e derivado conhecimento enquanto determinação contemplativa<sup>32</sup>. Logo, podemos estabelecer que, partindo da conceituação de que o trato cotidiano do ocupar-se com os entes faz parte de nosso modo-de-ser radical, faz parte de nosso ser-no-mundo, então pode-se estender esta noção de universalidade para a atividade produtiva da *te/xnh*, já que esta é o que cria o conteúdo primeiro de atividade<sup>33</sup> entre o *Dasein* e o mundo.

No entanto, apesar de sua universalidade, esse modo-de-ser (*Zuhandenheit*) pode apresentar variações<sup>34</sup>. A chamatividade (ou surpresa) acontece quando um útil imperfeito na atividade da ocupação chama a atenção do *Dasein*; a urgência, por sua vez, é manifestada a partir da falta de um útil, e a rebeldia (ou impertinência), ao apresentar-se um ente que não está simplesmente imperfeito dentro das conexões referenciais do à mão, mas que se encontra realmente fora destas redes, mostrando-se “não à mão”. Esses casos criam determinados impedimentos da ocupação, e acabam trazendo à luz, mesmo que de uma forma privativa, as conexões referenciais que antes estavam atematizadas no trato cotidiano. Isso tem como conseqüência uma “conscientização” dessas conexões e o conseqüente resplandecer do aí dos úteis, que antes estava velado. Os entes (tomados no sentido das conexões já citadas) deixam de permear a esfera atematizada da ocupação e produção originárias, onde havia aquela

ordenação significativa deles na mundaneidade do Dasein, para apresentarem-se agora como coisas aí: “De seu modo de ser à mão se pode prescindir, ela mesma [a natureza] pode ser descoberta e determinada somente em seu puro estar-aí.”<sup>35</sup>. Assim, por se encontrar isolado das conexões referenciais da mundaneidade do Dasein, o ente se mostra como um mero está-aí [Vorhanden] determinado por meios categoriais<sup>36</sup>. Por ser uma nova abertura em relação ao modo-de-ser, o Vorhandenheit acaba por mostrar modificados os aspectos constitutivos da compreensão dos entes: o aspecto temporal e o espacial.

[...] não apenas se ignora o caráter de instrumento do ente que vem ao encontro, mas também o que pertence a todo útil à-mão: o seu lugar [sein Platz]. Ele se torna indiferente. Não é que o Vorhandene tenha perdido totalmente seu local [sein Ort]. O lugar converte-se em mera posição no espaço e no tempo, converte-se em um “ponto no mundo” que em nada se distingue dos demais. E isso significa que a delimitada multiplicidade de lugares dos úteis à-mão do mundo circundante não só se modifica em uma pura multiplicidade de posições, mas também que o ente do mundo circundante fica completamente isento de seus limites. O universo do Vorhandenen torna-se tema.<sup>37</sup>

Com base na análise temporal das estruturas da abertura, é possível determinar a temporalidade do ser-no-mundo, isto é, antes de mais a temporalidade da preocupação e a da sua modificação em comportamento teórico para com o ente. Trata-se, com efeito, de dar conta do sentido temporal da mutação da compreensão do ser pela qual passamos do sentido do ser como Zuhandenheit - a manuseabilidade -, que faz do ente um ente para a mão na preocupação circumspecta, para o sentido do ser como Vorhandenheit - a presentidade - que faz do ente um dado diante da mão no ver teórico.”<sup>38</sup>

Assim, podemos delimitar duas características dos entes intramundanos considerados a partir do Vorhandenheit. A primeira é sua abstração no que diz respeito ao “lugar” onde o ente anteriormente se encontrava e se apresentava como Zuhandenheit, passando a ocupar um local que não possui uma significação relacional própria, mas uma mera posição que em nada difere das demais. Esta abstração possui a força de retirar a identificação do ente de seu respectivo lugar de origem, destruindo a barreira que antes estava predeterminada pelas conexões referenciais encontradas na mundaneidade do Dasein. Isto retira dos seres os seus “limites” constitutivos, que se apresentavam como fator de

primeira ordem para o cuidado da *poi/hsij*. A outra característica diz respeito à questão temporal. O modo-de-ser do *Vorhandenheit* remete de forma mais aguda para o horizonte do tempo, no sentido de que a essência do ente sempre se encontrou presente. Este termo “sempre” alude à conotação que se encontra no prefixo *vor*. Além de *perante*, *diante de...*, o prefixo *vor* possui o significado de *antes*, expressando anterioridade. Assim, além de exprimir a existência, o seu mero-está-aí, *Vorhandenheit* quer dizer que esta essência já estava-aí disponível antes de qualquer relação com a mão. Logo, se percebe como essas duas características da abertura do *Vorhandenheit* identificam-se com a tradição metafísica, a qual possuiu como esteio a concepção de *ousia* no sentido do que sempre perdurava, e podemos entender porque Heidegger afirma<sup>39</sup> que, enquanto uma forma da verdade, a técnica funda-se na história da Metafísica.

Assim, se há uma essência metafísica da técnica é porque se dá igualmente uma essência técnica da metafísica. A circularidade desta dupla proposição vem mostrar que para Heidegger técnica e metafísica são uma mesma coisa; que pertencem ao mesmo, ao mesmo destino, que se inicia com a metafísica platônica e se consoma no mundo científico/técnico da modernidade.<sup>40</sup>

[...] Heidegger sustentava, de fato, que a era tecnológica foi antecipadamente representada desde os primórdios da história da metafísica. Efetivamente, assim acreditava ele, a moderna tecnologia foi o produto inevitável dessa história. Os fundadores gregos da metafísica definiram o ser dos entes em termos prototecnológicos, já que, para eles, “ser” significava “ser produzido”. Daí que, segundo Heidegger, a história da metafísica se tivesse transformado na história do desenrolar da metafísica “produtivista”.<sup>41</sup>

Essa equivalência se dá a partir do momento em que o *Vorhandenheit* reduz o *Zuhandenheit*, equivalendo à abertura metafísica grega do ser, e assim envia, no mesmo destino, tanto o surgimento da técnica como da metafísica modernas. Ou seja, o modo de desvelamento do ente como *Vorhandenheit* identifica-se com a tradição

metafísica, e a partir de uma destinação comum ela formam as condições de possibilidade para o surgimento tanto da filosofia como da técnica modernas. Tal destinação comum entre a metafísica e a técnica, originada pelo desvelamento do ente intramundano no modo do *Vorhandenheit*, se concretiza através do fator que marca o começo da Modernidade: a subjetividade como contraponto ao mundo.

A elaboração reflexiva desse fundamento comum [fundamento para as manifestações da ciência e da técnica modernas] é empreendida exemplarmente por Heidegger [...], especialmente com base na interpretação do significado metafísico do gesto cartesiano de disponibilização da totalidade do ente, como res extensa, à atividade quantificadora-operatória do Subjectum [...].<sup>42</sup>

A noção cartesiana de subjetividade, ao apresentar o sujeito (*res cogito*) como o contraponto do ente intramundano, mostra-se como a culminação das condições internas de possibilidade para o surgimento factual da técnica moderna. Só a partir do momento em que o sujeito, que se toma como puro pensamento, apreende os entes do mundo de forma matematizada (já que os entes não possuem mais aquela significação relacional imutável, mas uma multiplicidade local e abstrata), ele pode lançar empiricamente o projeto de abarcar e manipular o todo do ente.

A gênese da pura visão teórica a partir da preocupação circumspecta assenta, portanto, no projeto matemático da natureza que descobre a priori o plano dela em prol de uma modificação do olhar que equivale a uma desmundanização do mundo: do ponto de vista da temporalidade, o projeto científico na sua totalidade - aquilo a que Heidegger chama tematização - tem o sentido de um tornar presente insigne cujo correlato é, precisamente, a pura e simples pre-sença (*Vorhandenheit*) do ente [...].<sup>43</sup>

Ou seja, a instauração da subjetividade no sentido moderno por Descartes

consolida de forma radical o ente como *Vorhandenheit*, deixando fora desta esfera justamente a única “substância” imaterial, o cogito. Tudo o que existe, ou é puro estar-aí, pura existêntia, ou é puro pensamento, cogito. Essa construção filosófica traz consigo uma série de implicações, tais como um nivelamento ontológico de tudo o que é *res extensa*, uma busca desenfreada pela tematização da totalidade do ente, como também o surgimento de um eu construtor que, juntamente com as duas implicações anteriores, formarão a base metafísica da atuação da técnica moderna. “O que é revelado, revela-se de forma uniforme como um produto de engenhosidade humana, como um objeto ou valor (feito pelo homem). Como tal, torna-se mensurável, calculável e passível de ser mudado num mercado livre de recursos.”<sup>44</sup>. Portanto, a subjetividade cartesiana e o modo de desvelamento do *Vorhandenheit* complementam-se numa nova realidade metafísica, que se tornará a via para o surgimento empírico da técnica moderna.

## *2.2 - O processo de produção na técnica moderna.*

Com o advento da modernidade, instauram-se os pressupostos para o surgimento de um novo modo de produção: a técnica moderna. Baseada na visão matematizada do mundo, consolidada em Descartes, e no modo-de-ser dos entes como meras presenças (*Vorhandenheit*), a técnica moderna caracteriza-se (entre outras coisas) pela sua atuação objetificadora de todo o ente. A técnica moderna, nos diz Heidegger<sup>45</sup>, toma a natureza como uma trama de forças calculáveis. Se na estrutura do processo de produção da *te/xnh* havia uma obediência à significação relacional de um ente, ou seja, havia o “cuidado”, no processo de produção da técnica moderna existe uma relação epistemológica específica, na qual o sujeito (cogito) fragmenta ao máximo possível o objeto (*res extensa*, *Vorhandenheit*), fazendo com que este último perca sua identidade inicial: “[...] é pela ordem e pela medida - portanto numa ciência universal da quantidade - que se pode estender o conhecimento à totalidade do real, na medida em que todas as coisas podem ser representadas matematicamente [...]”<sup>46</sup>. Será através da ordem, quantidade e medida que a técnica moderna, planificando os entes em um conjunto de objetos calculáveis, exercerá sua produção objetificadora diante de toda a realidade.

Isso implica que, a partir desse novo processo de produção, fica manifesta uma unilateralidade em relação ao mundo. Em contraposição à circularidade que ocorria na *poi/hsij* e à “obediência” do cuidado, a postura do agente na técnica moderna mostra-se numa atitude verticalizada de poder em relação aos objetos

que se lhe contrapõem, submetendo a natureza a desvelar-se de acordo com um “projeto” matemático. Isso possui como consequência uma nova hierarquia ontológica (já que se estar falando do surgir dos entes), pois agora o Dasein não se restringe a potencializar os próprios termos dos entes, mas que cria, através deste processo inicial de perda de identificação, novas estruturas através da reconstrução do “material” antes fragmentado. Ou seja, o agente produtor passa de potencializador da matéria existente para ser um criador de novos materiais.

A técnica moderna exerce violência em um sentido realmente novo e pavoroso: literalmente põe à natureza em apertos, submete-a a uma exigência, a obriga e a força, colocando-a sob as ordens de um plano e prescrevendo-lhe um determinado rendimento.<sup>47</sup>

Se anteriormente a violência levada a cabo pela técnica restringia-se ao fato de fazer sair do oculto entes que não encontravam sua eclosão em si mesmos, agora a violência apresentada pela técnica moderna alcança também a atitude da exigência, obrigatoriedade e prescrição de suas ordens unilaterais, baseadas em sua visão matematizada do mundo. A natureza é convocada a desvelar, sob o jugo do processo de produção da técnica moderna, o que previamente essa visão matemática do mundo determinou. Desta forma, o processo de produção na técnica moderna manifesta uma estrutura própria (que não é nada de técnico, como diz Heidegger) e que tem por base a destinação enviada a partir do Vorhandenheit, da metafísica, da modernidade e das consequências que estes implicam. Essa estrutura da técnica moderna, Heidegger denominou Gestell: “Ge-stell significa a união daquele pôr que prende o homem, isto é, o provoca a descobrir o real no modo do encomendar enquanto disponível [Bestand]. Ge-stell significa o modo do descobrimento que prevalece na essência da técnica moderna e que não é, ele mesmo, nada de técnico.”<sup>48</sup>

Gestell, na filosofia heideggeriana, quer dizer aquilo que uni o convocar no qual o homem se encontra na técnica moderna. No entanto, o que é este convocar? É o descobrir o real e efetivo no modo de um encomendar de entes disponíveis através da produção da técnica moderna. Desta forma, o ente do mundo só chega a ser considerado “efetivo” quando solicitado como disponibilidade. Em resumo, Gestell é a força de juntar em um só os entes que se encontram disponíveis na produção da técnica moderna, tomando-os assim reais e efetivos, pois tudo que não foi ainda convocado pela produção da técnica moderna não pode ser considerado em tais termos.

Isto traz à luz a principal característica da Gestell: sua provocação. “O descobrimento que predomina através da técnica moderna tem o caráter do pôr

no sentido do provocar.”<sup>49</sup> Com isso, se especifica o sentido da expressão força de juntar em um só que definiu a Gestell, pois ela quer dizer justamente o envio metafísico onde cada vez mais se faz necessário o desvelamento progressivo de esferas da realidade no modo da disponibilidade. Ou seja, cada vez que algo é trazido à luz no trazer-aí-adiante da técnica moderna, se envia uma necessidade metafísica para que outras coisas sejam desveladas no mesmo modo, criando uma rede de disponibilidades e efetivando o que se chama de provocação, a qual se mostra como a grande característica da Gestell enquanto essência da técnica moderna.

A usina hidrelétrica está posta no Reno. Ela o põe sobre sua pressão hidráulica, que então põe as turbinas a girar, cujo giro impulsiona as máquinas, cuja engrenagem produz energia elétrica, para esta então ser enviada através das centrais interurbanas e sua rede de distribuição elétrica. No domínio dessas sequências interligadas da disponibilidade da energia elétrica, o Reno também aparece como algo disponível.<sup>50</sup>

E o que chega a ser isso que Heidegger denomina de disponível, de Bestand? Usualmente o termo Bestand quer dizer existência, no sentido de duração, como também estoque e reserva. No entanto, no âmbito da técnica moderna usado por Heidegger, esse termo possui um significado mais restrito.

Que tipo de desencobrimento próprio a ele se realiza através do pôr provocante? Em toda parte, se dispõe a estar imediatamente a postos e, com efeito, estar disponível por si mesmo para uma posterior disposição. O assim disponível tem sua própria categoria. Nós o chamamos o dispositivo disponível [Bestand]. Essa palavra diz aqui mais e algo mais essencial que mera “reserva” [Vorrat]. A palavra “Bestand” move-se agora no status de um título. Ela designa nada mais nada menos que o modo como se apresenta tudo o que é afetado pelo desencobrimento provocante.<sup>51</sup>

O existir no modo da Bestand se divide em dois momentos distintos. Primeiramente, o ente é solicitado a que esteja “a postos” na convocação, ou seja, é algo que ainda não foi “enquadrado”, embora esteja convocado a ficar à disposição da Gestell. Este é o momento de reserva propriamente dito. Nesse momento o ente ainda não foi utilizado, mas já se encontra definido como simples energia disponível para o pretense uso. No segundo momento ele é convocado para outra convocação, o que significa que o ente é inserido em uma utilidade específica, onde renda o máximo de sua energia com o mínimo de custo. Esta



utilidade específica impõe um “posto” e uma “permanência”, como acontece com os vários dispositivos apresentados no exemplo do rio Reno. Esse é o segundo momento da Bestand. Assim, a provocação da Gestell, em seu envio de transformar tudo em Bestand, acaba por descarregar todas as coisas de sua multiplicidade, de sua heterogeneidade, ou mesmo de um te/loj próprio, apresentando-as em uma uniformidade onde não passam de meras presenças que servem, em qualquer um de seus momentos, para a dominação da tematização através da exploração de energia.

O desocultamento da Gestell exige que o ente saia à luz no modo da disponibilidade e, a esse desocultamento, está inerente uma força de reunião que provoca mais esferas da realidade, o que cria uma cadeia desenfreada de violência para com o ente intramundano. Essa manifestação da provocação da Gestell apresenta algo que durante toda a vigência da te/xnh o homem não poderia suspeitar: sua autonomia. Para Heidegger<sup>52</sup>, o desencobrimento da Gestell abre suas próprias rotas, que independem do simples querer humano. Essa autonomia acontece porque, quando algo chega ao acontecer da presença, encontra-se em relação com outros entes, fazendo com que estes também sejam convocados a desvelarem-se enquanto disponibilidades. Esta necessidade metafísica acaba por direcionar a abrangência do desencobrimento, desencadeando envios que não se encontravam na intenção desveladora, constituindo, assim, a autonomia da técnica.

Isso não quer dizer, todavia, que na te/xnh seu trazer-á-adiante não possuía autonomia (pois ao se construir, por exemplo, um templo, esta produção necessitaria da produção de outras coisas, que a princípio não precisariam estar na intenção do agente, como uma estrada que levasse ao templo, uma morada ao sacerdote, etc), mas simplesmente que esta autonomia ainda se encontrava velada à compreensão humana. Esse acontecimento do velamento da autonomia na te/xnh deve ser compreendido a partir da notificação feita por Heidegger<sup>53</sup>, ao destacar que o essencial, mesmo tendo sua regência como precursora primordial, passa o maior tempo possível encoberto e só por último se mostra. Ou seja, a autonomia manifestada na provocação da técnica moderna é um envio da destinação da própria te/xnh, mas que só se desvela com o advento da Gestell.

Mas qual fator diferenciador leva ao desvelamento da autonomia na técnica moderna, em relação ao encobrimento da mesma na te/xnh? Sua urgência. A força desenfreada da provocação da Gestell para tematizar a totalidade do ente é o grande diferenciador em relação à autonomia que ocorria na te/xnh, “Seu produzir desenvolve a incondicionalidade de um querer, que não encontra limite algum, interno ou externo, a seu exercício.”<sup>54</sup> Assim, quando o homem se vê envolto com necessidades de progressos técnicos tão impessoais, encontrando-se

inserido no envio da provocação da técnica, só a partir de então ele pode levantar a questão de sua dominação: “Deseja-se dominar a técnica. Este desejar dominar torna-se mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem.”<sup>55</sup>

A autonomia da técnica não é obstruída por meros voluntarismos, ou seja, após ter sido enviado à destinação da abertura da Gestell, o homem não pode simplesmente por um ato de vontade rechaçá-la como um acontecimento “diabólico”. Além de não dominar o direcionamento e abrangência da Gestell, o homem também não possui a “autoridade” de interromper abruptamente a sua vigência. “O enquadramento<sup>56</sup> não pode ser colocado sob o nosso controle por meio do voluntarismo. [...] a essência da tecnologia, ao contrário dos engenhos técnicos, não é susceptível de ser dominada voluntariosamente.”<sup>57</sup> Porém, isto não deve ser considerado como um fatalismo em relação à dominação da técnica, pois o homem é um ouvinte que escuta o envio de sua destinação, e a partir desta escuta pode apreender uma forma mais originária de verdade.

### *3 - A temporalidade do Dasein e sua relação com a produção*

Como visto anteriormente, o ser do ente é na maioria das vezes compreendido pelo Dasein como aquilo que se manifesta à vista no tempo presente. Ou seja, o horizonte temporal é o que predomina e “determina” o ser do ente desde o primeiro momento do ocupar-se do homem em seu ser-no-mundo e, como consequência, também o ato de produção inerente a este – tanto no modo da *te/xnh* como no modo da técnica moderna. Levando esses aspectos em consideração, o horizonte temporal deve ser tomado como a chave de leitura fundamental a partir da qual uma compreensão mais globalizada do ato produtivo e suas implicações na existência do Dasein poderão ser alcançadas. No entanto, o que é o tempo?

O tempo mostra-se na compreensão vulgar do tempo como uma pura sucessão, uma série de agoras que são ‘vistos’ ontologicamente no horizonte da idéia de presença subsistente: são co-dados com o ente, passam e sobrevêm e os que passaram constituem o passado, os por vir constituem o futuro.<sup>58</sup>

Primeiramente faz-se necessário a compreensão desta sucessividade, na qual se constitui o tempo na sua concepção vulgar (habitual). Esta sucessão é

formada por “uma série de agoras”, cada um sendo compreendido como algo que está-aí meramente presente. Esse modo de apreensão dos agoras identifica a co-pertença entre cada um deles e o ente trazido à luz pela produção. Assim, para cada manifestação do ente no sair do oculto (e sua posterior constância), é dado também um agora correspondente. Esta correspondência tempo/ente faz com que, aos entes que “passam” se identifique um agora-não-mais (passado), e aos entes que estão por vir se identifique um agora-todavia-não (futuro). O tempo, portanto, mesmo a partir de sua concepção vulgar, mostra-se como sendo decisivo para qualquer análise que queira lograr uma compreensão mais radical sobre o fenômeno da produção.

Não obstante, ligado intrinsecamente a essa questão do tempo, outro fator surge como indispensável à compreensão radical da ação produtiva: o próprio Dasein: “Novamente nós perguntamos: realiza-se esse desencobrimento [da produção] em qualquer lugar ou parte além de todo fazer humano? Não.”<sup>59</sup>. Ou seja, Dasein e tempo são os dois fatores que possibilitam o fenômeno da produção; o Dasein por ser o agente do ato produtivo, e o tempo pelo fato de o ente, que sofre a ação desse ato, vir à presença co-originariamente com o presente. Esta co-pertença entre Dasein e tempo no fenômeno da produção ocorre pelo fato de só haver tempo enquanto existir Dasein, e só existir Dasein se for na esfera da temporalidade. Dito de uma forma mais específica: a própria natureza do modo-de-ser da Existenz está determinada temporalmente. “O originário fundamento ontológico da existencialidade do Dasein é a temporalidade.”<sup>60</sup>. A temporalidade é o que possibilita a unidade estrutural dos existenciais constitutivos do Dasein, unidade esta que se manifesta variavelmente em relação à predominância de algum de seus horizontes ekstáticos (passado, presente e futuro); “[...] todas as estruturas fundamentais do Dasein são, em seu fundamento, “tempóreas” em relação a sua possível totalidade, unidade e desdobramento, e devem ser concebidas como modos da temporalização da temporalidade.”<sup>61</sup>. Desta forma, a temporalidade é a chave de leitura fundamental e a condição interna de possibilidade para toda possível manifestação do Dasein.

A temporalidade possibilita a unidade da existência, facticidade e queda, e assim constitui originariamente a totalidade da estrutura do cuidado. [...] A temporalidade temporiza, a saber, possíveis modos de si mesma. Estes possibilitam a diversidade dos modos-de-ser do Dasein, particularmente a possibilidade fundamental da existência própria e imprópria.<sup>62</sup>

O antecedendo-se-a-si-estando-já-em-(um mundo) enquanto ser-junto (ao

ente que vem ao encontro intramundamente) é a estrutura do cuidado como modo-de-ser do Dasein<sup>63</sup>, e está inerentemente “presidido” pelos horizontes ekstáticos que compõem a temporalidade, ou seja, o passado, o presente e o futuro. Assim, já que a temporalidade é o fundamento ontológico do Dasein, e que suas diversas possibilidades de manifestação resultam nos diversos aspectos do seu modo-de-ser (existência, facticidade e decadência), então também é a temporalidade do Dasein que será o horizonte delimitador da produção, já que esta é uma atividade específica da decadência onde o Dasein encontra-se em meio aos entes intramundanos na preocupação-solicitante do ocupar-se. “Esse deixar vir ao encontro [o ente intramundano] funda-se em um presente. Esse presente é, aliás, o horizonte ekstático dentro do qual esse ente pode estar “pessoalmente” presente.”<sup>64</sup>.

Contudo, não se deve presumir que esta predominância do presente no agir cotidiano signifique que a temporalidade possa ser compreendida como um conjunto agregado de elementos reunidos por justaposição, onde o horizonte predominante substitui autonomamente um anterior, isolado de sua ligação com os outros dois. A unidade das três ekstases está irremediavelmente presente em todos os horizontes constitutivos do Dasein, como, por exemplo, a compreensão, a disposição, a decadência e o discurso. O que acontece é a primazia de uma das ekstases em cada um desses horizontes. Portanto, a unidade da temporalidade manifesta-se em quaisquer dos modos do Dasein, seja próprio ou impróprio. No modo próprio, por exemplo, o horizonte predominante é o futuro, e o Dasein se encontra no que Heidegger chama de resolução precursora [vorlaufende Entschlossenheit]<sup>65</sup>. Nesta, o Dasein antecipa-se-a-si para sua possibilidade mais autêntica e irrelacional: a morte; aqui, o Dasein mostra-se predominantemente “inserido” no futuro, no entanto as outras ekstases não estão anuladas. O passado manifesta a condição do ter-sido, desvelando a condição de lançado enquanto niilidade, visto que o Dasein sempre já se encontra em um mundo e não é o fundamento desta ek-sistere, e o horizonte do presente desvela-se como o instante [den Augenblick], que não se identifica com o agora, pois não se encontra disperso em nenhum objeto de ocupação. Então, há de se considerar que, só enquanto apresentar-se como uma unidade ekstática, a temporalidade se manifesta como fundamento ontológico do Dasein.

Entrementes, um olhar rápido sobre as características do trazer-aí-adiante e as características do modo-de-ser do Dasein enquanto temporalidade poderia levar a crer que esta última determina de maneira unilateral a relação com o ato produtivo. Essa visão pode ser apoiada pelo fato da produção necessitar do ente que possui o existencial da mundaneidade, ou seja, necessitar do Dasein. E já que o fundamento ontológico deste (que possibilita o estar ocupado entre os

entes) é a unidade ekstática da temporalidade, então esta seria o próprio fundamento do trazer-aí-adiante, onde este último seria apenas uma espécie de efeito. No entanto, uma posição como esta deixa de levar em consideração a possível interação entre dois fatores essenciais: a provocação autônoma da Gestell, que tem como envio a urgência da tematização do ente, e a existência do Dasein como pura possibilidade-de-ser. Enquanto pura possibilidade-de-ser, o Dasein não possui uma essentia, no sentido de quiddidade. Assim, sendo o Dasein o puro estar sendo, e pelo fato de se encontrar no desvelamento da provocação da Gestell, é autêntica a questão sobre uma interação entre a temporalidade e o trazer-aí-adiante.

A questão principal que se apresenta a nós nesse momento é a que versa sobre a mudança que ocorre na relação da existência do Dasein com a temporalidade através da atividade produtiva da Gestell. Com o advento e domínio da técnica moderna e sua estrutura de urgência e provocação, a experiência da presentidade do ser do ente é levada às suas últimas conseqüências, pois o presente é o horizonte temporal onde exclusivamente se apresenta o verdadeiro e efetivo, havendo mesmo um projeto de perpetuação deste presente através da perene renovação da atividade produtiva. Isso faz com que o Dasein, que é um ser-junto-aos-entes, vivencie através da contínua e desenfreada produção uma presentificação permanente.

Se antes da técnica moderna era a temporalidade que determinava a relação com a produção, agora é esta que “impõe” ao Dasein uma permanente confirmação do seu modo-de-ser inautêntico: “Na medida em que a apresentação oferece sempre algo “novo”, ela não deixa que o Dasein volte-se para si, confortando-o constantemente.”<sup>66</sup>. O modo de desencobrir o ente como disponibilidade alcança tal urgência e predominância que acaba por determinar, mesmo que não seja de uma forma absoluta, a manifestação da temporalidade, velando ao Dasein a abertura ao mundo a partir de outro horizonte ekstático que não esteja presidido pelo presente: “Na técnica, a presença atinge sua máxima determinação. Seu domínio se ergue até o velamento e esquecimento de qualquer outro modo de desvelamento.”<sup>67</sup>.

Aqui desvela-se o perigo ontológico da técnica moderna na concepção heideggeriana, que não está primordialmente relacionado com o poder de destruição em larga escala, mas sim na possibilidade, através desta intervenção excludente das múltiplas maneiras de manifestação da temporalidade, de fechar a capacidade de abertura do Dasein para os diversos modos de desvelamento.

A ameaça, que pesa sobre o homem, não vem primeiramente da atuação eventualmente mortal das máquinas e aparatos da técnica. A verdadeira ameaça já se apoderou do homem em sua essência. O poder da Ge-stell ameaça com a

possibilidade de negar-se ao homem voltar para um desvelamento mais originário e assim reivindicar experienciar uma verdade mais inicial.<sup>68</sup>

A intervenção na temporalidade do Dasein feita pelo trazer-aí-adiante possui seus próprios desdobramentos. O próprio Dasein acaba por ser inserido nas redes de disponibilidades da Gestell, e agora não só como o solicitador (condição que já o afastava de seu modo-de-ser próprio), mas também como pura matéria-prima utilizável para a dominação da provocação. Uma das conseqüências da dominação da Gestell é a utilização do homem como material manipulável, identificando-o com o ente intramundano disponível.

Enfim, o que podemos afirmar é que, com o surgimento da técnica moderna e seu modo bastante singular de produção, caracterizado pela objetificação do ente enquanto disponibilidade, pela sua provocação e urgência, como também pelo seu conseqüente envio em direção a uma tematização de todo o ente, surge uma nova relação entre esse trazer-aí-adiante e a temporalidade do Dasein. A partir do advento desse novo modo-de-ser produtivo, o Dasein acaba por encontrar-se inserido, convocado e explorado de tal forma, que o horizonte ekstático do presente domina sua relação com os entes intramundanos de uma forma cada vez mais aguda. A própria urgência de que cada vez mais esferas da realidade sejam desveladas enquanto disponibilidade fecha as possibilidades de outras experiências com o mundo. Essa é, de acordo com o pensamento heideggeriano, a perigosa conseqüência do advento da produção na técnica moderna. Esse novo momento do destino do ser, em que a razão instrumentalizada e a técnica moderna prevalecem, dificulta cada vez mais a escuta do que Heidegger chama de pensamento, onde, de uma forma mais radical, é colocada a questão da relação entre Tempo e Ser.

### *Notas*

- 1 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 7.
- 2 Ibid, p. 9.
- 3 Segundo o Oxford Latin Dictionary. Oxford: Oxford University Press, 1968, p. 1473.
- 4 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 14.
- 5 Ibid, p. 12.
- 6 Ibid, p. 13.
- 7 Sobre esse ponto, ver KOYRÉ, Alexandre. L'évolution philosophique de Martin Heidegger, In: Études d'histoire de la pensée philosophique

- (Bibliothèque des Idées). Paris: Éditions Gallimard, 1971, p. 271-304.
- 8 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 13.
- 9 Grifo nosso.
- 10 Sobre o descobrimento enquanto possibilidade dos entes intramundanos, ver a exposição de Heidegger sobre as particularidades da Entdecktheit em *Sein und Zeit*, p. 85, como também na § 16 de *Einleitung in die Philosophie*.
- 11 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 13.
- 12 *Ibid*, p. 13.
- 13 HEIDEGGER, Martin. Brief über den Humanismus. In: *Wegmarken*. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 1976, p. 340.
- 14 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 22.
- 15 *Ibid*, p. 12.
- 16 Na segunda parte do volume 4 das *Platon Oeuvres Complètes* (Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1938, p. 58) encontra-se o termo *création* [criação] para traduzir *poi/hsij*. No entanto, em *A Greek-English Lexicon*. Henry George Liddell and Robert Scott. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 1429, encontra-se tanto *creation* quanto *production* para traduzir o mesmo termo, ou seja, *poi/hsij*.
- 17 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 13.
- 18 *Ibid*, p. 15.
- 19 THIELE, Leslie. Recebendo o Céu e Aguardando as Divindades, o desafio da tecnologia. In *Martin Heidegger e a política pós-moderna*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p. 255.
- 20 Grifos nossos.
- 21 Esse cuidado referido especificamente à ação da *téchne* deve ser distinguido do "cuidado" (*Sorge*) que Heidegger utiliza em *Sein und Zeit* para determinar o modo-de-ser do *Dasein*.
- 22 GALÁN, Pedro C. *Metafísica, Técnica y Humanismo*. In *Heidegger o el final de la filosofía*. Navarro Cordón y R. Rodrigues (comp). Madrid: Editorial Complutense, 1997, pp. 59-92. Disponível em <[http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/cerezo\\_galan.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/cerezo_galan.htm)>. Acesso em 18-09-2011. p. 2.
- 23 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 12.
- 24 Deve-se apresentar uma explanação sobre o alcance do significado do termo *presença* aqui utilizado. Como visto que o desvelar da produção não é o desvelar fundamental, assim também a presença resultante neste seu sair do oculto mostra-se como simplesmente uma das esferas possíveis do *presentar* que surge na *presença*. O *presentar*, que é um "vir-ao-nosso-encontro", não possui como condição necessária o *vir-ao-nosso-encontro* no tempo presente: "[...] encontramos no ausentar, seja aquilo que foi, seja o futuro, uma maneira de *presentar* e de abordar (dirigir a)

- que, de modo algum, coincide com o apresentar no sentido do presente imediato. De acordo com isto, trata-se de observar: nem todo apresentar é necessariamente presente;” (HEIDEGGER, *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 264). Assim, deve-se ter em conta que este apresentar aqui utilizado como uma presença no tempo presente é só um dos seus modos de manifestar-se, e que representa simplesmente uma delimitação que condiz com a natureza da produção.
- 25 A autora utiliza aqui “Temporal” com maiúscula para designar o tempo no sentido originário, e não o tempo no sentido vulgar, que neste último caso é utilizado com minúscula.
- 26 DASTUR, F. *Heidegger e a Questão do Tempo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990, p. 50-51.
- 27 HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967, p. 67.
- 28 STEIN, Ernildo. Regime de constituição de objetos e desconstrução da relação de objeto. *Veritas*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, 1998. p. 112.
- 29 HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967, p. 69.
- 30 RENAUD, Michel. A essência da técnica segundo Heidegger. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 1989. p. 354.
- 31 HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967, p. 69-70.
- 32 *Ibid*, p. 61.
- 33 A expressão “conteúdo primeiro de atividade” almeja aqui fazer uma distinção entre o conteúdo ontológico fundamental na filosofia de Heidegger, que neste caso é o Ser, e este primeiro conteúdo que se apresenta já a partir do Dasein com os úteis, que vem precedido por aquele e que é o objeto a ser produzido. Assim, a expressão “de atividade” quer demonstrar a esfera específica deste conteúdo.
- 34 Este tema da variação encontra-se particularmente na § 16 de *Sein und Zeit*.
- 35 HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967, p. 70.
- 36 É fato que a mudança do encontro com o ente do modo do *Zuhandenheit* para o *Vorhandenheit* não se dá de forma automática, ou seja, não se dá através de um único momento. Contudo, tendo em vista o objetivo específico do presente artigo, este processo de mudança e seus momentos, por apresentarem uma problemática toda particular, não poderão ser aqui abordados.
- 37 HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967, p. 361-362.
- 38 DASTUR, F. *Heidegger e a Questão do Tempo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990, p. 105.
- 39 HEIDEGGER, Martin. *Brief über den Humanismus*. In: *Wegmarken*. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 1976, p. 340.
- 40 GALÁN, Pedro C. *Metafísica, Técnica y Humanismo*. In *Heidegger o el final de la filosofía*. Navarro Cordón y R. Rodrigues (comp). Madrid:



- Editorial Complutense, 1997, pp. 59-92. Disponível em <[http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/cerezo\\_galan.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/cerezo_galan.htm)>. Acesso em 18-09-2011, p. 4.
- 41 ZIMMERMAN, M. O confronto de Heidegger com a Modernidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p. 29-30.
- 42 GIACOIA JR, Oswaldo. Notas sobre a técnica no pensamento de Heidegger. Veritas, Porto Alegre, v. 43, n. 1, 1998, p. 100.
- 43 DASTUR, F. Heidegger e a Questão do Tempo. Lisboa: Instituto Piaget, 1990, p. 106.
- 44 THIELE, Leslie P. Recebendo o Céu e Aguardando as Divindades, o desafio da tecnologia. In Martin Heidegger e a política pós-moderna. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. p. 275.
- 45 (2000, p. 22)
- 46 GIACOIA JR, Oswaldo. Notas sobre a técnica no pensamento de Heidegger. Veritas, Porto Alegre, v. 43, n. 1, 1998, p. 100-101.
- 47 GALÁN, Pedro C. Metafísica, Técnica y Humanismo. In Heidegger o el final de la filosofía. Navarro Cordón y R. Rodrigues (comp). Madrid: Editorial Complutense, 1997, pp. 59-92. Disponível em <[http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/cerezo\\_galan.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/cerezo_galan.htm)>. Acesso em 18-09-2011, p. 3.
- 48 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 21.
- 49 Ibid, p. 17.
- 50 Ibid, p. 16.
- 51 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 17.
- 52 Ibid, p. 17
- 53 Ibid, p. 23.
- 54 GALÁN, Pedro C. Metafísica, Técnica y Humanismo. In Heidegger o el final de la filosofía. Navarro Cordón y R. Rodrigues (comp). Madrid: Editorial Complutense, 1997, pp. 59-92. Disponível em <[http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/cerezo\\_galan.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/comentarios/cerezo_galan.htm)>. Acesso em 18-09-2011, p. 7.
- 55 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 8.
- 56 O termo “enquadramento” significa aqui a realidade tanto metafísica quanto empírica da Gestell, ou seja, tanto a força de sua provocação quanto o seu “resultado”, que é uma organização dominadora dos entes sob a imposição do modo do desencobrimento da técnica moderna.
- 57 THIELE, Leslie P. Recebendo o Céu e Aguardando as Divindades, o desafio da tecnologia. In Martin Heidegger e a política pós-moderna. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. p. 275-276.
- 58 DASTUR, F. Heidegger e a Questão do Tempo. Lisboa: Instituto Piaget, 1990, p. 119.
- 59 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 24.
- 60 HEIDEGGER, Martin. Sein und Zeit. Tübingen: Max Niemeyer Verlag,

- 1967, p. 234.  
61 Ibid, p. 304.  
62 Ibid, p. 328.  
63 Ibid, p. 317.  
64 Ibid, p. 346.  
65 Ibid, p. 329-330.  
66 Ibid, p. 348.67 STEIN, Ernildo. A Técnica e o mundo. In Introdução ao pensamento de Martin Heidegger. Porto Alegre: Ithaca, 1966. p. 112.  
68 HEIDEGGER, Martin. Die Frage nach der Technik. In: Vorträge und Aufsätze. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 2000, p. 29.